

## CADERNO C

# SOUL INDEPENDENTE

**MÚSICA**
**HYLDON GRAVA CD DE INÉDITAS APÓS 19 ANOS, COM PARTICIPAÇÕES DE CHICO BUARQUE, ZECA BALEIRO E CARLINHOS BROWN**

 ROSUALDO RODRIGUES  
 DA EQUIPE DO CORREIO

**H**á 33 anos o nome de Hyldon está associado a *Na rua, na chuva, na fazenda*, música de seu disco de estréia, lançado em 1975. Mas o cantor e compositor baiano, radicado no Rio de Janeiro, nunca se deixou limitar ao passado. Mesmo não estando sob holofotes, continua envolvido com música e produzindo. Se não gravou discos ultimamente foi porque as propostas que apareciam não agradavam. “Eram sempre indecentes. Chegavam dizendo que queriam fazer um projeto comigo... Hoje em dia tudo é ‘projeto’. Mas não quero fazer disco com alguém opinando, dizendo para gravar balada, regravar *Na rua, na chuva, na fazenda*, fazer isso e aquilo”, justifica o cantor, que esperou 19 anos para ter o disco que queria, de músicas inéditas.

O recém-lançado *Soul brasileiro* – produção independente com distribuição da Microservice – foi feito com calma. Levou um ano para ser gravado. Hyldon estava esperando recursos obtidos por meio da Lei Rouanet para gravar um DVD, mas o processo atrasou e, como tinha o estúdio disponível, resolveu fazer o CD. “Foi a primeira vez em que entrei em estúdio sem muito planejamento. Queria algo no violão, de pouco custo. Comecei por *Último latino-americano* e fui gravando. Ia tendo uma idéia, chamava uma pessoa. Algumas músicas foram feitas durante o processo de gravação”, conta.

Somente três faixas foram recuperadas dos anos 1970. E, mesmo assim, inéditas: *Três éguas, um jumento e uma vaca, Rapaz de São Paulo e Domingo triste*. A primeira foi feita para Emilio Santiago. “Mas o produtor Roberto Menescal queria substituir a palavra ‘jumento’ e aí preferi guardar a música. *Domingo triste* eu nunca quis gravar porque tem uma frase que diz que ‘quando chega no domingo, dá vontade morrer’. Mas depois que soube que o Roberto Carlos estava superando as superstições dele e vestindo marrom, esse medo perdeu o sentido. Aí gravei”, explica, bem-humorado.

A idéia de “algo simples, no

violão” foi pelos ares na medida em que o disco ia sendo gravado e os amigos visitavam o estúdio. “Teve uma hora que tive de parar e fechar a porta. Rolou o boato que eu estava gravando e as pessoas apareciam”, diz em tom de brincadeira. *Soul brasileiro* é cheio de participações. Uma delas inusitada: Chico Buarque toca kalimba (percussão) em *Medo de solidão*. Hyldon conta que queria incluir um instrumento que lembrasse criança: “Lembrei que o Chico tocava uma no show dele no Canecão. Mas pensei: ‘não vou pedir emprestado, pode pegar mal’. Aí o chamei para tocar e ele aceitou”. Tal convite, claro, só se faria a um amigo, e os dois são antigos parceiros de pelada.

Outra amizade que virou faixa de *Soul brasileiro* foi a que começou quando Hyldon participou do Baile do Baleiro, projeto organizado por Zeca Baleiro no C a n e c ã o . “Houve uma empatia muito grande e a gente se prometeu fazer uma música. Ele me mandou a letra e eu musiquei”. O resultado é *A moça e o vagabundo*, que tem participação do próprio Zeca Baleiro no violão e, na viola caipira, Zé Meneses, 84 anos

e figura história da música brasileira. “Ele tocou até com Carmem Miranda”, ressalta Hyldon.

O disco teve também participação de Carlinhos Brown (que produziu e tocou vários instrumentos em *Bahia do h*), do guitarrista Roberto Frejat (*Rapaz de São Paulo*), do trombonista Marlon Sette (*Três éguas...*), do violonista Tuco Marcondes (*A moça...*), da MC Yasmim (hip hop em *Brazilian samba-soul*), da cantora Karla Sabah (*O último latino-americano*), do sanfoneiro Zé Américo (*Forró de boca pequena*), de Dalto, Carlos Dafé, Jorge Vercillo, Tunai e Carlinhos Vergueiro (vocais em *O vento que vem do mar*)... Enfim, mesmo brincando, o cantor tem razão quando diz que teve que fechar a porta. E acabou deixando amigos de fora, como o sambista Sombriinha, que queria e não participou.

Mas a base de tudo foi a banda que há cinco anos vem acompanhando Hyldon (violões), formada por Ramon Torres (baixo), Ricardo Brasil (percussão) e Cassius Theperson (bateria). Um grupo

que até devolveu a ele a vontade de fazer shows. “Arrumei um jeito de fazer a coisa de modo que pessoas cantem junto e a gente se divirta ao tocar. Assim, voltei a ter prazer de fazer show”, confessa. E ele espera enfrentar o palco com frequência agora que o disco está pronto. “Não adianta

apenas gravar, tem que trabalhar, sair fazendo shows. A tecnologia ajudou a baratear o preço da produção. O caro é o marketing”, avalia o artista, que não desistiu de fazer o DVD com apoio da Lei Rouanet. “Devo fazer ainda este ano, contando um pouco da história musical de minha vida”.



César Oiticica/Divulgação

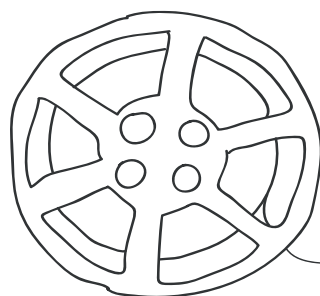
HYLDON PRETENDE LANÇAR AINDA ESTE ANO DVD QUE REVÊ SUA TRAJETÓRIA



Cesar Oiticica/Reprodução

**SOUL BRASILEIRO**

Oitavo disco do cantor e compositor Hyldon. 14 faixas, produção independente, distribuição Microservice. Preço médio: R\$ 23.



O Festival de Brasília do Cinema Brasileiro é freqüentado por atores, diretores, cinéfilos e gente bem informada. Como você.

Assim como o Correio Braziliense, o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro faz parte da tradição e da cultura da cidade. Por isso, não poderíamos ficar de fora de um evento como esse. Para você chegar lá bem informado, reunimos em um suplemento as principais informações sobre o festival: os filmes, a programação, os prêmios, o júri e muito mais. Tudo para você aproveitar ao máximo.

SUPLEMENTO ESPECIAL BRASÍLIA CAPITAL DO CINEMA. Nesta terça-feira, dia 18 de novembro, no Correio Braziliense.

**CRÍTICA //**
**SOUL BRASILEIRO ☆☆☆☆**

## A cara do dono

Quando Hyldon diz que recusou propostas para gravar porque não correspondiam ao que ele esperava, dá a entender que é determinado no que quer. O Soul brasileiro não deixa dúvidas quanto a isso. Ele compôs, produziu e arranjou quase todo o disco e o resultado é a cara dele. Uma perfeita conexão entre aquele Hyldon do soul dos anos 1970 e outro, amadurecido, antenado com o presente, aberto a novos ritmos e sonoridades e com firmeza para adaptar todas essas informações para sua linguagem musical.

Soul brasileiro tem samba-soul, hip hop, forró, mas

é marcado por um balanço ditado pelo jeito de Hyldon cantar e de conduzir uma bem-entrosada banda. Fica evidente o peso do trabalho de grupo, apesar de tantas participações, que, diga-se, são discretas. Nem mesmo as estrelas reluzentes de Chico Buarque, Carlinhos Brown e Zeca Baleiro conseguem ofuscar a marca do anfitrião. Se há ecos do passado é sem saudosismo e o presente é saudado com vigor, inspiração e suíngue contagiantes. Soul brasileiro é um disco ensolarado, bom para dançar, mas também para ouvir com atenção. (RR)

Patrocínio:

**Brasil Telecom**  
 Você ganha mais e sua vida também.